

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC
ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA**

MARINA TIEMI FUKUDA

A CONSTRUÇÃO DO SI MESMO E DO MUNDO:
um enfoque narrativo a partir do filme “Assunto de família”

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC

**A CONSTRUÇÃO DO SI MESMO E DO MUNDO:
um enfoque narrativo a partir do filme “Assunto de família”**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Terapia de Casal e Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação da Profa. Dra. Marilene A. Grandesso.

São Paulo

2021

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DO SI MESMO E DO MUNDO: um enfoque narrativo a partir do filme “Assunto de família”

Marina Tiemi Fukuda

Esse trabalho apresenta um ensaio tendo como tema central a construção da visão de mundo e de si a partir das relações familiares desenvolvidas no filme “Assunto de família” (2019). Utilizei da orientação construcionista social e da abordagem narrativa para embasar as análises das cenas e diálogos com o objetivo de compreender o desenvolvimento das identidades do personagem principal Shota de forma temporal em um contexto e tempo longitudinal fílmico. A fim de contribuir para um aprimoramento do olhar sistêmico das relações familiares e como nos constituímos socialmente, enfatizei a importância dos vínculos e das narrativas para a criação de significados a partir da linguagem e dos discursos. Podemos partir de diferentes perspectivas ao assistirmos o filme e ter múltiplas leituras em cima do mesmo, com isso, utilizei do lugar no qual o filme mais me tocou para escrever este trabalho e deixo aqui o convite para futuros leitores a fazerem o mesmo.

Palavras-chave: Identidade narrativa, narrativa, construcionismo social, relações familiares

Orientadora: Marilene A. Grandesso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. CONSTRUCIONISMO SOCIAL.....	7
3. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE.....	8
4. NARRATIVA DE IDENTIDADE.....	9
5. IMPORTÂNCIA DOS VÍNCULOS FAMILIARES.....	10
6. UM BREVE RESUMO DO FILME “ASSUNTO DE FAMÍLIA”	12
7. “ASSUNTO DE FAMÍLIA”: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E FORMAS DE VIDA	14
7.1. A HISTÓRIA DE SHOTA.....	15
7.2. YURI	15
7.3. LOJA YAMATO	17
7.4. A MORTE DA AVÓ.....	18
7.5. UM PONTO DE VIRADA NA VISÃO DE MUNDO E DE SI MESMO.....	19
7.6. REDEFININDO AS RELAÇÕES.....	20
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
9. BIBLIOGRAFIA.....	23

“O self é uma autobiografia em andamento; ou para ser mais exata, é uma biografia do self multifacetada que constantemente redigimos e editamos.” (ANDERSON, p. 216, 1997).

1. INTRODUÇÃO

Desde o início do curso Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em Diferentes Contextos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a ideia de que não é possível pensar em um ser humano descolado da sua rede de relações interpessoais construídas na linguagem e do contexto social e cultural ao qual está inserido, me chamou muita atenção (GUANAES, 2006). Com a minha descendência asiática de ambos os lados da família, nascida e criada no Brasil com cultura e costumes brasileiros miscigenados com os costumes japoneses, porém com muito menos contato com a última, ainda é complexo pensar não só na minha própria identidade, mas também na identidade da comunidade de imigrantes japoneses. O hibridismo cultural que as narrativas e seus corpos carregam, resulta em um sentimento de não pertencimento e de um não lugar. Muitas vezes, isso pode se tornar um desafio para a construção de um sentido de identidade que compõe o existir de cada indivíduo, ainda mais quando esse processo vem acompanhado de violência racista, xenofóbica e preconceituosa (LEE, 2019).

Posso dizer que uma parte de mim foi construída através das interações e relações com pessoas não amarelas, o que influencia na minha forma de agir e na visão que tenho sobre mim e do mundo. Essa construção de uma identidade multivocal considera que as vidas das pessoas se encontram entrelaçadas através dos significados e temas em comum e que coconstróem conhecimento, habilidades e visões de mundo particulares (WHITE, 2012), compõem um self narrativo que organiza as experiências vividas nas interações e influencia na forma que se veem e se expressam. Nessa narrativa de si, as construções e conexões apenas serão coerentes se legitimadas pelo outro, pois isso garante uma confirmação e permanência da história pessoal (GERGEN, 1997).

Assim como na visão das práticas narrativas de Michael White (2012), o construcionismo social destaca o discurso como a possibilidade de descrições múltiplas de si, que variam segundo as peculiaridades de contexto e de interação. Essa multiplicidade de significados que é construída de forma compartilhada entre os indivíduos em suas relações, possibilita uma visão de si de forma dialética e dialógica, rompendo com a dicotomia essencialista e linear de compreensão dos seres humanos (GUANAES, 2006). Portanto, as histórias e narrativas que construímos sobre nós mesmos, evidenciam tanto a riqueza de possibilidades para autoria, quanto o estreitamento dessas possibilidades, podendo limitar ou expandir as escolhas da vida de cada indivíduo como também suas habilidades para lidar com as adversidades. (GRANDESSO, 2000)

Observando a complexidade de construção da identidade narrativa de cada ser humano, busco por meio deste trabalho tentar ilustrar e compreender esse processo relacional através de uma análise do filme “*Assunto de Família*” (2019). Pretendo, através da história das relações da família protagonista, analisar a forma com que os sentidos das experiências dos personagens constituem as suas identidades através da apropriação das narrativas que permeiam a família em questão.

Utilizar a mídia e arte cinematográfica na construção de conhecimento, possibilita um contexto rico em possibilidades de aproximação dos fenômenos a serem estudados, muitas vezes difíceis de estarem disponíveis para estudo na vida cotidiana. Ele estimula o debate através da diversidade de temas abarcados em um único filme e também pode ser considerado um objeto de conhecimento, afinal, de certa forma, reconstrói uma realidade social passada, presente ou futura (CIPOLINI, 2008).

Para a realização das análises feitas acerca do filme em questão, este trabalho foi estruturado da seguinte forma:

Nos primeiros 4 capítulos foi feito um levantamento da teoria utilizada para se pensar sobre as temáticas dentro da construção da identidade a partir da ótica construcionista social e narrativa, assim como também a importância dos laços familiares nesse processo. Seguido da teoria, apresento resumidamente a história e os personagens do filme para melhor entendimento de como suas

relações são compostas na trama. A partir disso, dou início às análises de cada cena que são relevantes para a temática do trabalho e concluo com algumas considerações finais junto com a bibliografia utilizada.

2. CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Para o presente trabalho, busquei como embasamento o enfoque construcionista social, uma epistemologia pós-moderna, a qual permite um olhar legitimador às diferentes descrições de mundo possíveis. O construcionismo social parte do pressuposto de que o conhecimento de si e do mundo são desenvolvidos nos espaços interpessoais das relações, em contextos linguísticos e dentro de uma cultura. É uma construção social onde os significados são compartilhados com o outro de forma interativa através da linguagem.

De acordo com essa epistemologia, não faz mais sentido a produção de um conhecimento absoluto do mundo, afinal a contextualização histórica e cultural de qualquer afirmação científica deve ser levada em consideração para não instituir valores de um grupo dominante sobre os outros. Utilizar-se da razão para aniquilar as diferenças, não é apenas excludente, mas também é uma forma de impor os valores e interesses de um ser humano normativamente branco, europeu e colonizador.

A razão “ordena, classifica, universaliza, unifica e para isso, deve reduzir, expulsar, neutralizar, suprimir as diferenças”.
(LORENZI; MOSCHETA, 2014, p.35)

Este trabalho, portanto, não visa normatizar, prescrever e nem restringir o conhecimento de forma simplista ou reducionista, mas sim, dialogar com os diferentes contextos, abrir espaço para reflexão e co-construção. É de responsabilidade do pesquisador ter cautela para evitar produzir um conhecimento que sustente práticas sociais normativas e discursivas na qual o poder opera. Para Foucault o poder, nada mais é do que um efeito de discursos e, são esses discursos que regulam e dão forma às possibilidades da vida

sustentando práticas sociais (FOUCAULT, 1979). Seguindo essa mesma linha de pensamento Lorenzi afirma:

Os discursos seriam então o pano e fundo conceitual no qual baseamos nossas afirmativas e sentidos, com os quais compreendemos o mundo e nossas experiências e construímos nossas práticas (LORENZI; CORRADI-WEBSTER, 2014, p. 81).

Já a linguagem, como uma prática social, constrói e estrutura realidades e ações diferentes, organizando nossas experiências. De acordo com uma visão pós-moderna, conforme postulada aqui, não há apenas uma forma correta de descrever acontecimentos, mas sim, a forma pela qual cada indivíduo compreende o mundo e como essa compreensão reverbera dentro de cada um. (LORENZI; MOSCHETA, 2014)

A forma pela qual as pessoas agem e se apresentam no mundo está relacionada à linguagem utilizada nos seus discursos. O construcionismo social desconsidera a existência de uma personalidade central, coerente e nuclear do indivíduo. Para os construcionistas essas características são construídas de forma relacional e múltipla. Com a multiplicidade das experiências que compõem o mundo social, podemos dizer também que são múltiplos os papéis desempenhados nos diferentes contextos frente aos diferentes interlocutores com linguagens e discursos diversos (LORENZI; CORRADI-WEBSTER, 2014).

3. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE

Grandesso (2000) considera uma inter-relação entre o individual e o social na construção de identidade da pessoa. Assim como o social oferece o meio no qual o indivíduo se constitui como si mesmo, é também a partir de indivíduos nas suas relações que se constitui o social, remetendo a uma interdependência e uma Inter constituição dos dois. Portanto, o conhecimento sobre si, como um processo comunicacional de realidades socialmente construídas, terá sempre uma dimensão social inseparável e, a construção social da realidade tem como coparticipante as disposições individuais presentes nas relações (GRANDESSO, 2000).

É esta troca entre os humanos que faz com que a linguagem tenha a capacidade de significar experiências, gerando uma realidade a partir dos diferentes encontros e da relação estabelecida entre eles. Esse processo nunca está acabado. Se o sujeito continua transitando nos espaços relacionais, ele ainda estará em um processo contínuo de construção da sua identidade, com novas descrições e novas narrativas:

[...] um constante processo de vir a ser, tecendo na linguagem uma espécie de trama única que configura uma autobiografia continuamente escrita e reescrita, por meio da participação da pessoa nos múltiplos contextos de suas diferentes práticas sociais (GRANDESSO, p. 214, 2000).

Portanto, de acordo com Grandesso (2000), não faz sentido a busca de um self interno, único, estável e perfeitamente demarcado quando consideramos que os seres humanos não possuem apenas uma história de vida, mas, múltiplas histórias com inúmeras possibilidades de construções narrativas ao longo da vida. (ANDERSON, 1997; GOOLISHIAN; ANDERSON, 1994). Ricoeur (1991) nesse mesmo sentido, enfatiza que as histórias vividas pelo indivíduo, encontram-se emaranhadas nas histórias dos muitos outros com quem se relacionou durante a vida e, a partir dessas histórias sobre si mesmo, o indivíduo se reconhece como pessoa.

4. NARRATIVA DE IDENTIDADE

Seguindo a lógica da construção da realidade socialmente construída a partir da linguagem e dos relacionamentos, segundo Michael White e David Epston (1993), as histórias e narrativas são carregadas de significados que dão sentido e podem moldar tanto o passado, quanto o presente e o futuro. A maneira com que organizamos as experiências de vida através das narrativas, constrói um relato coerente sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Os sentidos e significados dessas narrativas legitimam e sustentam, a partir das relações, histórias que restringem as possibilidades ou ampliam as competências e autoria do indivíduo (PASCHOAL; GRANDESSO, 2014).

As narrativas criam um campo de sentido como uma espécie de ímã linguístico ao qual apenas alguns aspectos da experiência são incorporados na

narrativa dominante. Os eventos que não se encaixam na narrativa dominante são negligenciados, assim, a depender do significado dado à experiência, apenas eventos que se encaixam e fazem sentido no enredo e na identidade do protagonista é que são incorporados à história narrada (GRANDESSO, 2010).

As narrativas produzem a organização da produção da subjetividade, da cognição e da própria consciência de ser, elas nos falam sobre o mundo e as relações. Elas formam as mentalidades, criam as educações sentimentais, psíquicas e relacionais (GALANO, p. 118, 2014).

Uma história estreita, restringe as possibilidades de visão de mundo e de si do indivíduo. Quando se torna mais densa e complexa, isso permite que a organização de sua vida abra para novos desfechos com novos significados. Contudo, uma história nunca é fechada em si mesma; existem muitos aspectos da experiência vivida que não são incluídos na experiência narrada (GRANDESSO, 2011).

A nossa narrativa de identidade, portanto, está em constante transformação e, conforme descrevemos e damos significados para nossas experiências, constituímos nossas realidades:

...nossas realidades tornam-se nossas histórias e nossas histórias tornam-se nossas realidades (ANDERSON, 1997, p. 181).

5. IMPORTÂNCIA DOS VÍNCULOS FAMILIARES

Levando em consideração a importância das relações para constituição e transformação de uma pessoa, qual então seria a importância da família para a construção de significados de si e do mundo em que ela habita?

Um conjunto de normas e regras próprias são expressadas por meio dos relacionamentos familiares e transmitidas através de suas histórias e trocas constantes. Esses processos familiares acabam regulando e moldando por meio desse sistema de crenças não só os papéis internos à família, mas também a ação, organização e orientação de cada um na experiência do mundo social (WALSH, 2016).

Podemos pensar, portanto, que a família seria o primeiro lugar de referência da criança desde a linguagem até os costumes da vida. Inicialmente, a família dita como deve ser e como não deve ser, normalizando a vida (GALANO, 2010). Nesse sentido, Grandesso considera:

Valores, tradições, sentimento de pertencimento, noção de si mesmo e cultura familiar são transmitidos por meio das redes de conversações em família, criando novas identidades e papéis. Os significados construídos da família são exclusivos para cada pessoa e família, gerando diferentes versões de uma mesma história (GRANDESSO, 2010).

Algumas versões de histórias são mantidas individualmente por cada membro da família como sendo verdadeiras. Segundo Bruner (2001), a partir dessas narrativas acabamos construindo, enxergando e vivendo em um mundo que segue as regras e a realidade narrada. Bruner enfatiza a importância da linguagem nesse processo e utiliza a metáfora da cultura como um “kit de ferramentas” no nosso processo de entender e lidar com as vicissitudes da vida humana.

Se considerarmos que é através das narrativas familiares que preservamos o sentido de continuidade, autoestima, possibilidades de novas afiliações e socializações, entrelaçados diretamente a um emocional e a linguagem (GRANDESSO, 2010), talvez a família instrumentalize, em um primeiro momento, o nosso “kit de ferramentas”. Ela irá proporcionar experiências e irá co-construir histórias e crenças compartilhadas entre os membros familiares, podendo ressignificar esses significados quando levado para diferentes contextos da vida.

6. UM BREVE RESUMO DO FILME “ASSUNTO DE FAMÍLIA”

A trama do filme se desenvolve em torno da vida cotidiana de uma família japonesa composta pelo pai (Osamu, 45 anos¹), mãe (Nobuyo, 45 anos), filho (Shota, 10 anos), filha (Aki, 20 anos), avó (Hatsue, 80 anos) e Yuri (menina resgatada por Osamu, 8 anos).

Essa família vive junto numa mesma casa, enfrentando as dificuldades dos seus pequenos salários, cometendo crimes de furto em mercados e lojas para sua subsistência. No mesmo local onde dormem, também fazem suas refeições todos juntos em precárias condições de qualidade de vida. Contudo, apesar das condições financeiras e do pouco espaço que possui, a família parece viver em harmonia. Todos eles têm pouca convivência com as pessoas fora da casa, o que faz com que tenham comportamentos, normas e ditos próprios que são pouco questionados internamente, por falta de outras referências.

Logo na primeira cena, num mercado, a dinâmica de furto em parceria entre Shota e Osamu se apresenta. A princípio os dois não aparentam estar juntos, como uma forma de acobertar um ao outro nesse esquema e conseguirem obter alguns itens para uso próprio deles e da família. Depois do que parece ser apenas mais um dia de furto, no caminho de casa, Osamu e Shota se deparam com Yuri, uma menina que sempre está sozinha na varanda e, por se sensibilizarem com ela por ela estar no frio e provavelmente com fome, decidem levá-la para casa

Quando chegam em casa, a menina que ocupa um lugar de irmã mais velha de Shota, Aki, aparece ao lado da avó Hatsue perguntando se tinham conseguido pegar o shampoo do mercado e Shota explica que esqueceu. Nobuyo, que é apresentada como mãe de Aki e Shota, a princípio, não gosta da presença de Yuri em casa alegando não querer se envolver em possíveis problemas devido aos hematomas que a menina tem no braço. Porém, quando Osamu e Nobuyo vão levá-la de volta para casa, ouvem gritos e briga vindos lá de dentro e decidem ficar com ela.

¹ Em nenhum momento do filme é citada a idade dos personagens. Todas as idades utilizadas no presente trabalho são aproximadas para fins descritivos.

Com o desenrolar da trama, os laços que pensamos ser consanguíneos, não são bem o que parece. Aki e Shota não são filhos de Nobuyo e Osamu. Aki é neta do ex-marido de Hatsue e Shota, de acordo com a narrativa apresentada no início do filme, foi resgatado de dentro de um carro por Osamu. Hatsue conheceu Nobuyo quando foi abandonada pelo ex-marido e Nobuyo conheceu Osamu, na empresa que trabalhava em que Osamu era cliente. Embora não tenham conexões consanguíneas, o afeto que um tem pelo outro faz com que se mantenham unidos, com laços de parentesco que os constituem como uma família. Assim, Yuri passa gradativamente a pertencer à família e, não demora muito, até que ela também comece a participar dos furtos ensinados pelo seu “irmão” Shota.

O fato de terem uma nova integrante na casa faz com que haja um remanejo na função de cada um e do espaço que ocupam nessa família. De certa forma, a vulnerabilidade de Yuri e a sensibilização perante seu sofrimento com os abusos que sofria dentro de casa, acabam fazendo com que todos os integrantes da família se conectem com ela. Como por exemplo, quando Nobuyo acaba virando “mãe” da menina e passa a se dedicar a protegê-la desse sofrimento, reconhecendo o que ela própria já tinha sentido na pele quando foi abandonada pelos pais, ou quando Aki exerce o papel de “irmã mais velha” ao se identificar com Yuri pelo fato de ela ter que abrir mão da sua aparência e de seu nome para não descobrirem seu paradeiro.

Em uma dada ocasião, Shota e Yuri foram pegos furtando a loja Yamato. Como resposta, o dono da loja pediu a Shota para que ele não ensinasse isso à Yuri e ainda entregou mercadorias da loja para os dois ao invés de repreendê-los com palavras moralizantes. Intrigado com a atitude generosa do homem, Shota começa a ter um olhar questionador sobre os discursos que moldaram seus conceitos, princípios e valores a partir do que lhe era dito em família. Desconfiado das palavras de Osamu, Shota passa a destrinchar histórias e discursos falsos em busca da verdade.

No final, em um episódio de furto junto com Yuri, Shota acaba sendo pego pela polícia para proteger a irmã que claramente iria ser pega roubando. Isso acarreta na busca por essa família e todos os integrantes são interrogados, revelando o passado de alguns deles. Shota é acolhido institucionalmente e

apenas Nobuyo é presa, após assumir toda a culpa pelos crimes. Osamu é absolvido e em um dia de visita, leva Shota junto com ele, a pedido de Nobuyo.

Nobuyo assume para Shota que ele não foi salvo por Osamu de dentro de um carro, mas que na verdade foi sequestrado de dentro do carro após uma tentativa de roubo em um estacionamento de Pachinko (casa de jogos de azar no Japão). Mais tarde, Osamu também admite que iria abandoná-lo com a polícia, no dia em que foi pego roubando. Shota não fica nada feliz com essa resposta, mas com todos os segredos esclarecidos e a sinceridade estabelecida na relação, Shota, que antes não conseguia chamar Osamu de pai, agora consegue referir-se a ele como pai, mesmo que não o diga diretamente para ele.

7. “ASSUNTO DE FAMÍLIA”: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E FORMAS DE VIDA

Agora que já temos alguns dados importantes da história, neste capítulo irei visitar algumas cenas do filme para construir, através de um olhar construcionista social, uma compreensão narrativa acerca da contribuição das relações familiares para a construção de identidades e formas de vida.

Em especial, focarei na relação de pai e filho, de Osamu e Shota, respectivamente, e nas narrativas familiares que permeiam e moldam seus discursos. Para Foucault:

O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história (FOUCAULT, 1986, p.146).

Essa história, nada mais é do que a materialização do discurso nas práticas sociais que produz efeito, por exemplo, na família e nas ações e concepções de Shota. O discurso molda sua maneira de estar no mundo. Aquilo que fazemos, pensamos e dizemos faz parte de um contexto sócio histórico ao qual estamos inseridos e irei tentar compreender e explorar melhor, através desse capítulo, como isso acontece no filme.

7.1. A HISTÓRIA DE SHOTA

De início, o que se sabe sobre Shota é que ele é um menino que foi resgatado de dentro de um carro por Osamu. Nunca frequentou a escola e aprendeu a ler livros sozinho, obtendo todo seu conhecimento através deles e dos adultos que moravam com ele.

Estudar em casa e aprender sozinho era algo comum para Shota. Afinal, em um momento do filme ele diz: “*só crianças que não podem estudar em casa vão para a escola*”. Essa narrativa compartilhada entre os membros de sua família faz parte não só da sua história familiar, mas também da sua história social e individual, dizendo respeito ao modo como sua identidade foi sendo construída através das práticas discursivas dessas interações sociais (BRUNER, 1997). Neste momento, estudar em casa faz sentido para Shota:

Na medida em que o auto entendimento de uma pessoa está integrado sincronicamente e diacronicamente, de modo que ela possa se situar de maneira significativa em algum nicho psicossocial e possa prover sua vida com algum grau de unidade e propósito, esta pessoa tem identidade (McAdams, 2001, p. 102).

O garoto tem uma relação bem próxima com Osamu e é com ele que aprende a furtar e fazer um ritual próprio com as mãos antes de iniciar cada furto. Como uma equipe sincronizada, após fazer um movimento com as mãos, ele e Osamu furtam lojas, um sempre acobertando o outro, a fim de levar mercadorias para uso próprio ou para os integrantes da família.

7.2. YURI

Com a chegada de Yuri na casa, Shota não consegue aceitá-la logo de início, mas quando percebe que sua relação com Osamu não corre risco, começa a se aproximar mais dela, chegando a considerá-la sua irmã. Passa a ensinar diversas coisas para Yuri, inclusive como furtar.

Podemos observar que existem muitas frases e ditos que acabam virando crenças e valores da família. Como por exemplo quando justificam que não

sequestraram Yuri (apesar de ter sido notificada como desaparecida pela polícia e terem até mudado o visual dela para não a reconhecerem), afinal: *“não a mantivemos em cativeiro e não pedimos resgate”* (Nobuyo).

Segundo Edgar Castro (2009), Foucault refere “lei” como atos individuais que podem ser proibidos ou permitidos de forma que seja condenável o indivíduo que violá-la. Já a “norma” delimita o que é exterior, o que é “anormal”, dando valor à capacidade e à conduta individual, dentro de um espectro, quando comparada com o outro. Podemos dizer que nessa família, por exemplo, a norma é roubar e a lei interna diz que não é errado roubar já que *“o que está dentro da loja ainda não pertence a ninguém”* (Osamu). Essa visão de mundo, a maneira como eles entendem a realidade e a forma como se definem, podem ser englobadas e compreendidas como a cultura da família desse filme.

Esse contexto em que Shota se desenvolveu, acabou padronizando seus comportamentos, pensamentos e até seus sentimentos. O discurso alienante da família em que está inserido, seu pouco contato com outras pessoas além delas mesmas e seu sentimento de pertencimento a essa família, faz com que Shota não se questione sobre essas afirmações que lhe são ensinadas, porque está com pessoas que o resgataram e deram proteção, carinho e cuidado, ao contrário do abandono sofrido no estacionamento dentro de um carro sozinho (discurso usado pela sua família).

Segundo Martins (2008), pertencer à um grupo social significa participar e entender-se como membro que partilha seus valores, regras, crenças, mitos e até segredos.

Para Shota, tudo o que aprendeu na sua família, acaba contribuindo para a construção de si mesmo, razão pela qual Yuri apresentava grande desafio para ele, não só por conta da perda do lugar que ocupava na família, mas por significar abrir mão de uma parte de si (GUANAES, 2006). Ele só conseguiu aceitar Yuri quando percebeu que seu lugar na família era diferente do dela e não apresentava riscos de perder seu espaço, resignificando seu lugar de filho único para irmão mais velho, dando conselhos e até transmitindo seus ensinamentos para a irmã mais nova. Guanaes, nesse sentido afirma que:

A constituição de si se dá por meio da participação da pessoa, desde sempre, em um mundo significativo, marcado pela presença de outros e mediado pela linguagem (GUANAES, p. 46, 2006).

7.3. LOJA YAMATO

No decorrer do filme a percepção de mundo de Shota e da relação com Osamu começam a se transformar, especialmente a partir de um episódio de furto da loja Yamato. Ao perceber o que as duas crianças estavam fazendo, o dono da loja entrega duas mercadorias de presente para Shota e Yuri, pedindo: “não obrigue sua irmã a fazer isso” e imita o ritual com as mãos que ele faz ao iniciar um furto. A partir disso, podemos dizer que sua narrativa dominante de que está tudo bem pegar objetos de alguma loja porque ainda não pertenciam a ninguém, a qual mantém a identidade do narrador como de não criminoso, começa a entrar em contradição.

A ação do dono da loja, pode ser considerada um acontecimento singular, afinal faz com que a contradição dessa experiência vivida abrisse portas para o desenvolvimento de uma narrativa alternativa. Ao ampliar o olhar da narrativa dominante com esses fragmentos (que poderiam ser negligenciados, uma vez que não se enquadravam na história dominante), a história é reescrita alterando e enriquecendo as narrativas de vida e de identidade de Shota (WHITE, 2012).

Na busca por significados nesse fragmento de história e na tentativa de elaboração de uma narrativa mais coerente e preferida de suas versões de si, Shota tenta recorrer ao Osamu. Dando pouca importância ao valor que Shota estava atribuindo para a situação, Osamu apenas diz que ainda era muito cedo para a Yuri participar dos roubos e por isso, talvez, foram pegos pelo senhor da loja.

Não satisfeito com essa resposta, Shota se cala e fica pensativo. Quando olha para o chão, encontra um dedo de borracha e, dentro dele, estava o pano que Osamu, performando um passe de mágica, havia “feito sumir” em um truque de mágica realizado um pouco antes da conversa que acabaram de ter. Shota se dá conta de que o pano não havia sumido e que não tinha sido uma mágica. Era apenas um truque e tinha sido enganado, assim como as palavras de Osamu

também, talvez, poderiam não ser verdadeiras, mas apenas um “truque”. Com isso, ele começa a se dar conta da possibilidade de existirem segredos, mentiras e contradições no que ele acreditava e no que lhe fora ensinado todo esse tempo.

7.4. A MORTE DA AVÓ

Quando a idosa que mora com eles morre, todos se organizam para enterrá-la embaixo da sua própria casa. Enquanto tiravam a terra para abrir o buraco, Osamu pede para Shota guardar um grande segredo: dizer que a avó dele nunca morou com eles e sempre apenas eles cinco haviam morado na casa.

Negar a existência de outra pessoa, a partir das histórias relacionais, deleta parte da nossa própria existência. Para Gergen (1997), a ideia de identidades recíprocas considera que nossa validade narrativa depende da confirmação do outro nos contextos de relacionamentos ao qual o indivíduo está inserido:

As identidades, neste sentido, nunca são individuais; cada uma é suspensa em um conjunto de relacionamentos precariamente situados. As reverberações sobre o que acontece aqui e agora — entre nós — podem ser infinitas (GERGEN, p. 209, 1997).

Essa citação vai diretamente de encontro com a perspectiva construcionista social deste trabalho e mostra como uma narrativa contada pelos outros sobre nós e como narramos nossa própria história tem grandes impactos sobre a construção de uma identidade. A auto percepção de Shota começa a entrar em conflito com o que é dito para ele e começa a se dar conta de que a “avó” só lhes era útil por conta do dinheiro e da casa dela na qual moravam. Ele presencia Nobuyo e Osamu felizes por acharem um dinheiro escondido que pertencia à avó e também sacando todo o dinheiro seu dinheiro que ela havia poupado num banco.

Vendo tudo isso acontecer em frente aos seus olhos, Shota começa a perceber que frases ouvidas em família como “o que estiver em uma loja ainda não pertence a ninguém” não fazem mais sentido. Quando questiona Nobuyo

sobre essa afirmação, ela justifica dizendo que contanto que não entrem em falência, tudo bem furtar lojas.

Buscando confirmações diferentes para essas novas experiências de vida que estava vivendo, na cena em que vão furto um carro em um estacionamento Shota pergunta se aqueles pertences dentro do carro não seriam de alguém. Osamu apenas responde “e daí?”. Com essa resposta, Shota não quer mais ajudar ele e, quando Osamu consegue pegar a bolsa de dentro do carro sem a ajuda do menino e começam a correr juntos, Shota pergunta se ele estava tentando roubar um carro quando o resgatou. Osamu mente dizendo que estava tentando salvá-lo, mas não o convence.

Para Shotter (1989), ser quem se diz que é, é relacional e coletivo. Expectativas são criadas quando enunciamos algo a alguém e Shota acaba se decepcionando com a resposta de Osamu, porque ao testar a legitimação da construção discursiva dele, o garoto percebe que não estava condizente com o contexto e nem com o que as outras pessoas dizem (ele estava roubando algo que estava dentro de um carro, e que, portanto, pertencia a alguém).

7.5. UM PONTO DE VIRADA NA VISÃO DE MUNDO E DE SI MESMO

A próxima cena faz com que Shota tenha mais certeza ainda de que sua família vem mentido para ele. A loja Yamato aparece fechada e com um bilhete escrito “luto”. Yuri e Shota não sabem o que isso significa e presumem que a loja tivesse falido.

Com este acontecimento dá a entender que Shota tenha visto a consequência de seus atos, pois vez e outra estava pegando escondido algo da loja, e talvez tivesse contribuído para sua falência. É possível que a culpa sentida neste momento tenha levado à cena seguinte em que, a princípio, estava protegendo a irmã distraindo os funcionários da loja para ela não ser pega, mas no final do filme, ele admite que se deixou pegar pela polícia. Essa decisão nos leva a pensar que:

História e linguagem são dois elementos fundamentais à construção narrativa da identidade. É através da narrativa que o sujeito dá significado a sua história e planeja suas ações futuras (VIEIRA; HENRIQUES, 2014).

É muito simbólico Shota e Yuri não saberem ou compreenderem o significado da palavra “luto”, uma vez que não é mostrado em nenhum momento do filme eles entrando em contato com o sentimento de perda ou abandono. Esse processo de luto parece não ser experienciado quando é dito e imposto para eles pela sua família, dizendo-lhes que deveriam agir e viver normalmente como se a avó nunca tivesse existido. Essa crença dominante limita e, de certa forma normatiza, o processo e os sentimentos vivenciados pelo luto, moldando também a visão de mundo de Shota e Yuri.

Podemos observar que a compreensão de “luto” e “família” de Shota foram modificadas e construídas a partir de suas experiências vividas com Nobuyo e, principalmente, com Osamu.

7.6. REDEFININDO AS RELAÇÕES

Osamu insistia que Shota o chamasse de pai, mas ele nunca conseguiu chamá-lo dessa forma. Nas últimas cenas em que, saindo da instituição em que estava abrigado, Shota vai de visita à casa de Osamu, ele questiona se Osamu havia tentado escapar da polícia deixando ele para trás quando foi pego roubando para encobrir a irmã. Osamu responde com sinceridade afirmando que tentou fugir sem o Shota, pedindo desculpas e dizendo que, de agora em diante ele não seria mais o seu pai. Quando estão esperando um ônibus para Shota ir embora de volta para a instituição na qual residia desde o incidente de roubo, ele também confessa ao Osamu que foi pego de propósito pela polícia. Sem saber o que responder, Osamu fica calado enquanto o menino entra no ônibus e vai embora. Observando Osamu afastar-se conforme o ônibus seguia seu caminho, em voz baixa, Shota olha pela janela em direção ao Osamu e diz “pai”.

A nomeação de Osamu como “pai”, acontece apenas quando Shota consegue estabelecer uma relação sem mentiras e segredos entre os dois. Ele não precisa mais se submeter aos furtos, consegue entrar em uma escola e

finalmente pode estudar. Isso evidencia o poder de uma narrativa tanto para a composição de uma visão de mundo quanto para a identidade de uma pessoa. Para Shota, por exemplo, agora ele não é mais um menino que foi abandonado em um estacionamento; ele é filho de Osamu e isso pode mudar completamente o rumo desse relacionamento e a forma como ele constrói suas definições de família, de mundo e de identidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar um filme para o desenvolvimento de uma análise a partir da abordagem construcionista social e narrativa, busquei construir um contexto longitudinal através do qual fosse possível observar os personagens se desenvolvendo no tempo. Com isso, pude acompanhar a história evolutiva de uma família, protagonista do filme “Assunto de Família”, objeto deste ensaio. Acredito que, este estudo, ao ilustrar as idas e vindas de uma família na construção de vínculos de pertencimento e identidades, possa contribuir, em especial, para alunos em formação em terapia familiar e outros interessados na construção de relações familiares. Um ensaio elaborado a partir de um filme configura um campo fértil para estudo de relações em família, conforme se pode ver a vida em movimento em diferentes cenários, o que procurei ressaltar aqui.

A princípio, o filme me chamou atenção quando vi seu cartaz passeando pela Avenida Paulista. Um filme japonês sendo exibido em cinemas brasileiros sempre se destaca para mim, afinal ainda é pouca a representatividade asiática nos cinemas estrangeiros. Não só pelo filme ser japonês, mas a temática abordada por ele e explorada nesse trabalho me tocam nas minhas próprias experiências com a minha família descendente de japoneses por ambos os lados.

Os discursos, crenças e valores carregados por mim hoje, nem sempre foram os mesmos de antigamente. Vi e senti todas as minhas narrativas se transformando ao longo do tempo e como elas me levaram até onde estou e irão me levar e se modificar novamente para outros lugares. Michael White e David Epston (1993) ressaltavam a importância do outro não só nas narrativas sobre o passado e o presente, mas também nas narrativas futuras recheadas de significados construídos a partir das relações.

Assim como eu, Shota entra em contato com novas pessoas e cria novas relações significativas em sua vida além da família. A importância da interação social para Fruggeri (1992) é citada por Grandesso (2000):

as crenças mantidas pelos indivíduos constroem as realidades, e estas são mantidas pela interação social que, por sua vez, confirma as crenças que se originam socialmente. (p.43)

O desenvolvimento das cenas com poucos diálogos, porém diálogos significativos para a construção da narrativa, representa a experiência de vida e cotidiana dos personagens sendo construída interpessoalmente através de símbolos e significados compartilhados entre os membros da família. Essa experiência de vida transformada em narrativa e integrada socialmente por cada um dos personagens é carregada de expectativas, crenças, noções de gênero e de classe, aprendizagens e valores que confirmam uma das muitas maneiras de se ver o mundo e ver a si mesmo. “Dessa perspectiva, ideias, verdades ou autoidentidades, por exemplo, são produtos dos relacionamentos humanos” (ANDERSON, 1997, p. 35).

O filme termina sem sabermos ao certo sobre o futuro dos personagens e aqui podemos usar essa incerteza e imprevisibilidade do futuro como metáfora: talvez seja uma metáfora para construção contínua de significados, identidades, narrativas... ou até mesmo possibilidades infinitas que seus relacionamentos e vidas possam tomar.

Assim como num livro aberto, deixo aqui a minha sugestão para futuros pesquisadores, de inúmeras possibilidades que se podem levar este trabalho adiante, a depender do lugar que o filme tocar em cada um. Assista, sinta e escreva desse lugar que lhe tocou.

9. BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, H. Conversação linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia. São Paulo: Roca, 1997.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação**. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

GALANO, M. H. Família e história: a história da família. In: CERVENY C. (org.). **Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 115-147, 2010.

GERGEN, K. J. **Realities and relationships**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRANDESSO, M. A. Famílias e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In: CERVENI, C. M. A. (Org.). **Família e ... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 13-29.

GRANDESSO, M. Terapia Comunitária Integrativa e Terapia Narrativa: Ampliando possibilidades. In M. H. Camarotti, T. C. G. de P. Freire & A. de P.

Barreto (Orgs.), **Terapia Comunitária Integrativa sem fronteiras: Compreendendo suas interfaces e aplicações** (pp. 196-224). Brasília: MISMEC-DF, 2011a.

GUANAES, C. O discurso construcionista social. In: **A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social**, cap. 1, pp. 19-52. São Paulo. Vetor, 2006.

GUANAES-LORENZI, C.; MOSCHETA, M. S.; CORRADI WEBSTER, C. M.; SOUZA, L. V. **Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.

LEE, C. R.; MANGHIRMALANI, J.; HIGA L. M. Narrativas asiáticas brasileiras: identidade, raça e gênero. In: LIMA E. F. et al. **Ensaio sobre racismo**. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2019. p. 126- 134. Disponível em: <http://www.balaoeditorial.com.br/downloadable/download/sample/sample_id/13/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

MCADAMS, D. P. The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100-122, 2001.

MARTINS, E. M. A; RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. N. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicol. USP* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.181-197. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Ago. 2020.

MATURANA, H. R. A biologia do conhecer: suas origens e implicações. In: H. R. Maturana; C. Magro, M. Graciano; N. Vaz (Org.), **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997d, orig. 1990

PASCHOAL, V. N.; GRANDESSO, M. O uso de metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. In: **Nova perspectiva sistêmica**. Rio de Janeiro, n. 48, p. 24-43, Abr. 2014.

SHOTTER, J.; GERGEN, K. J. **Texts of identity**. Londres: Sage, 1989.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R. A construção narrativa da identidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 27, n. 1, p. 163-170, Mar. 2014 . Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Sept. 2020.

WALSH, F. **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. Trad. Sandra Maria Mallmann da Rosa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WHITE, M., EPSTON, D. Medios narrativos para fines terapéuticos. Buenos Aires: Paidós, 1993.

WHITE, M. **Mapas da prática narrativa**. Porto Alegre, RS: Pacartes, 2012, orig. 2007.